

XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.

# A “queda do muro” vinte anos depois a partir da imprensa brasileira.

Silva, Carla L.

Cita:

Silva, Carla L. (2009). *A “queda do muro” vinte anos depois a partir da imprensa brasileira. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-008/1373>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

## A “queda do muro” vinte anos depois a partir da imprensa brasileira

SILVA, Carla Luciana.

Em 2009 marcamos os vinte anos da chamada Queda do Muro de Berlim. Foi um ato simbólico que representou o fim de um momento histórico fundamental na história do século XX: a possibilidade concreta de um projeto social anticapitalista. A partir desse momento estava aberto o caminho para que a ideologia do pensamento único se colocasse como “única alternativa” ao andamento da história. Com isso os apologistas da “vitória do capitalismo” apregoaram mundo afora a falsa idéia de que a história havia acabado na medida em que o capitalismo teria triunfado e o comunismo estaria morto. Esse processo contribui sobremaneira para o transformismo de partes majoritárias da esquerda mundial. No entanto, não encerrou as possibilidades concretas de uma ação anticapitalista e comunista.

Vinte anos depois os mesmos apologistas do fim da história se vêem obrigados a fazer frente às necessidades de readequação históricas que o próprio capitalismo necessita para continuar existindo. O medo frente ao comunismo não é anunciado claramente, mas a ofensiva conservadora se coloca de várias formas, buscando sempre consolidar a falsa idéia da inevitabilidade de buscar soluções à crise do capitalismo dentro dele mesmo.

A nossa pesquisa busca abarcar as formas com que diferentes revistas semanais brasileiras (*Veja* e *Carta Capital*) estão tratando a questão da Queda do Muro, a partir dessa reflexão anunciada. Buscamos perceber em que medida essas revistas se colocam diante da falácia do “fim do comunismo” e de que forma isso aparece em relação à crise atual do capitalismo. O discurso do fim da história se mantém? De que forma se atualiza o anticomunismo? Buscamos apreender os dois aspectos constituintes da produção de hegemonia, ou seja, a construção discursiva e o apoio às medidas repressivas, que são estendidas à sociedade como um todo, e não apenas ao Estado. A análise leva em conta a posição editorial e as matérias sobre a crise do capitalismo e sobre a Queda do Muro publicadas ao longo de 2009. Mas antes é necessário buscarmos a forma com que foram

tratados os próprios acontecimentos de 1989 quando ocorreram a partir das fontes eleitas.<sup>1</sup>

A partir da concepção da imprensa como aparelho privado de hegemonia (Gramsci) entendemos que a imprensa busca negar a noção de processo histórico, apresentando os acontecimentos como fatalismo atribuído a sujeitos obscuros. Os valores criados para consolidar a hegemonia capitalista são readequados, mas o fundamental é minar a possibilidade de que alternativas sejam construídas consolidando a hegemonia capitalista.

A pesquisa está dividida em três momentos. No primeiro deles, apresentamos alguns referenciais teóricos acerca do anticomunismo, especialmente no discurso midiático. Em segundo, buscamos demonstrar as formas com que a queda do muro serviu para envolver o mito do fim do comunismo. E como isso foi utilizado para reafirmar o acerto e invencibilidade do capitalismo. Por fim, buscamos ver como esse discurso se mantém em um contexto de crise do capitalismo. Até o presente momento a pesquisa está mais avançada nas duas primeiras partes.

#### 1) O discurso anticomunista

O anticomunismo é uma prática ideológica que remonta à história do capitalismo. Assentado na contradição fundamental entre capital de trabalho, os defensores do capital precisam de mecanismos de impedir a consciência sobre a exploração dos trabalhadores. Se o comunismo é uma forma de ação concreta no sentido de subversão da exploração, os defensores do capitalismo se utilizam de todas as formas a seu dispor no combate ideológico em relação à alternativa comunista. Claro que, historicamente essa ação está em conjunto com a ação repressiva do Estado, que age em conjunto com os demais aparelhos privados de hegemonia a ele associados. Mas o que quero ressaltar é a especificidade e permanência de um discurso que remete a uma Formação Discursiva de longo alcance. Temos alguns estudos que apontam nesse sentido, mostrando uma longa permanência.

A partir da perspectiva da análise de discurso, Bethânia Mariani analisou discursos sobre os comunistas no que chama de imaginário dos jornais brasileiros no período de

---

<sup>1</sup> Apenas a revista *Veja* existia no período de 1989. *Carta Capital* foi criada em 1994. por isso essa parte da pesquisa se deterá a analisar a primeira.

1922 a 1989.<sup>2</sup> Ou seja, desde a criação do partido comunista no Brasil até o chamado fim do comunismo. Mudanças vão ocorrendo, que permitem visualizar a adaptação ao momento histórico específico que o discurso é utilizado como instrumento de intervenção, tentativa de convencimento, arma de ação. A trincheira da ação é o jornal, a revista, mas a disseminação fica num campo muito mais amplo, o do pensamento, da formação de uma visão de mundo, na mentalidade. Remete-se a um pensamento difuso, que não é fundado num conhecimento elaborado. São elementos sobre os quais há pouca reflexão mas muito sentimento. Nesse sentido, o medo é uma arma bastante eficaz, junto com outras fortes expressões como ameaça, perigo. Para fundamentar esse medo, há uma alusão permanente a fenômenos da natureza: o comunismo seria como uma *“tormenta que procurava envolver todos os povos”* (jornal de 1937, apud Mariani, p. 153). Como enfatiza a autora, *“o discurso jornalístico, enquanto forma de manutenção do poder, atua na ordem do cotidiano, pois além de agendar campos de assuntos sobre os quais os leitores podem/devem pensar, organiza direções de leituras para tais assuntos”*. E completa que *“no dia-a-dia, o leitor comum nem sempre tem como perceber os processos de filiação dos sentidos, isto é, os deslocamentos e realocamentos de memória, reforçando a ilusão de unidade e transparência na relação das multiplicidades do presente e das indicações do que pode vir a ser”*.<sup>3</sup>

Ao longo do estudo, há algumas mudanças no sentido que se mostram em relação ao comunismo que é combatido. Segundo Mariani, se nos anos 30 era dada por *“como se sabe, o comunismo é...”*; na década de 50 há uso do *“discurso indireto buscando a instauração da ilusão de um consenso”*; nos anos 1964/79 há rituais enunciativos de silenciamento, e impossibilidade de se dizerem outros sentidos, em que o bom senso se torna senso comum; os anos 1980 são marcados pela ironia e produção da decadência. Ainda segundo a autora, os anos 90 seriam um momento de produção de um novo consenso.<sup>4</sup> É nesse campo que buscaremos assentar a análise.

Quando iniciamos essa pesquisa, analisando jornais brasileiros de 1930, percebemos uma quantidade infindável de artigos que tinham como objetivo o combate às idéias comunistas e por conseguinte, a qualquer ação concreta de oposição ao capitalismo. Em conjunto com uma grande quantidade de livros que circulavam no país

---

<sup>2</sup> MARIANI, Bethânia. O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. São Paulo, Revan, 1998.

<sup>3</sup> Idem, p. 224.

<sup>4</sup> Idem, p. 231.

(muitos deles traduzidos, ou seja, apontando para uma política mais ampliada), os artigos dos jornais e suas “campanhas anticomunistas” eram muito presentes. Naquele momento, um dos focos era o perigo que viria da URSS: lugar de flagelo, privações, uniformização, falsidade, absurdos, e assim por diante.<sup>5</sup> Por outro lado, os mesmos jornais mostram o avanço da organização operária, não necessariamente vinculada ao partido comunista: inúmeras greves, o crescimento da consciência sobre a exploração própria da expansão da industrialização e urbanização. Queremos agora investigar como esse discurso se mantém no momento em que esse referente deixa de existir, pois sabemos que outras figuras retóricas são utilizadas, outros perigos são criados. Interessa-nos portanto investigar as formas com que esse discurso ideológico secular se mantém.

## 2) A memória no lugar da história

Essa análise estará centrada na revista *Veja*, a maior revista em circulação no Brasil, publicada há mais de 40 anos.<sup>6</sup> É o objeto central das minhas pesquisas atualmente. Mas quero ressaltar que ao estudá-la busco uma prática que vai além da revista em si, apontando para a própria imprensa brasileira. É por isso que objetivo também perceber como essas questões aparecem em outras revistas.

A revista *Veja*, em edição comemorativa de seus 40 anos, diz apenas ter ressaltado os fatos mais relevantes dessas quatro décadas. Nessa edição, Margareth Thatcher e Ronald Reagan foram destacados e não poderiam deixar de ser considerados os “vencedores da Guerra Fria”: *“ambos deixaram a casa em ordem em seus respectivos países – mas o seu maior legado é o sentido, hoje, fora dos Estados Unidos e da Inglaterra. Está na liberdade que se respira em Berlim, Praga ou Budapeste”*.<sup>7</sup> Assim, se funda a idéia de que o neoliberalismo teria servido para “por a casa em ordem”, e que além disso, a ação conservadora levou à liberdade, que aparece como um objetivo em si, sem qualificação, como se fosse um bem supremo. Na seqüência, temos outro destaque muito relevante. Sob duas páginas em que aparece uma fotografia do muro de Berlim com manifestantes, lemos:

---

<sup>5</sup> SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros. (1931-1934)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

<sup>6</sup> A revista conseguiu juntamente com a Fundação Ford e Banco Bradesco, colocar em prática um projeto milionário através do qual todo o seu acervo foi digitalizado e está disponível para pesquisa. Para maiores informações, ver: [www.vejaonline.com.br](http://www.vejaonline.com.br)

<sup>7</sup> *Veja* 40 anos. Ano 41, ed. 2077, Setembro de 2008, p. 49.

DERRUBADO PELA HISTÓRIA. O muro de Berlim era a representação física da Cortina de Ferro (...) É natural, portanto, que sua queda tenha se tornado o marco simbólico do fim do comunismo. O muro infame que dividia a capital da Alemanha veio abaixo na noite de 9 de novembro de 1989, sem que um só tiro fosse disparado. Enquanto os berlinenses de ambos os lados comemoravam o fim de quatro décadas de opressão, Mikhail Gorbachev, o último premiê soviético, dormia em Moscou. Com seu histórico de milhões de mortos, a União Soviética desmanchou-se no ar dois anos depois. Imaginava-se que o pesadelo comunista estaria definitivamente encerrado, mas ele resiste em grotões como Coréia do Norte e Cuba, além de contar com uma sobrevida exclusivamente política no autoritarismo chinês. Como não poderia deixar de ser, o velho monstro ainda mostra sua renitência no cemitério de idéias chamado América Latina, em especial no ‘socialismo bolivariano’ que Hugo Chavez quer implantar na Venezuela. Parafraseando o pai besta, Karl Marx, é a história repetindo-se como farsa.<sup>8</sup>

A longa citação se divide em algumas idéias, todas elas repetindo a suposta morte do comunismo. Primeiramente, se explica que o muro foi um símbolo infame, e que ele veio abaixo sem “um tiro sequer”, ou seja, como que se desmoronou sozinho. E mesmo sendo um fato de tamanha grandeza, traz um dado importante: o líder soviético estava dormindo. Se em outros momentos há elogios ao russo, aqui é a ironia que lhe serve de alento: dorme enquanto a história acontece. Vinte anos depois a revista se utiliza dessa prédica para dizer que imaginava que o “pesadelo comunista” havia acabado, mas resiste em grotões, que no “dicionário de *Veja*” significa lugares insignificantes, sem importância, atrasados. A revista então apresenta seus inimigos onipresentes, Cuba e Coréia do Norte, e chega no centro de suas preocupações: a América Latina, lugar em que “o velho monstro ainda mostra sua renitência no cemitério de idéias”. Assim, todos os movimentos indígenas, todas as organizações sociais que se remetem a alguma idéia de socialismo, ou apenas de combate ao capitalismo, todos são vítimas de um monstro que já estaria morto (até já estava no cemitério). Perceba-se que é como idéia ultrapassada que esse espectro é tratado, e não como práxis revolucionária.

Conclui lapidarmente, chamando Marx de “pai besta”. Besta é uma expressão que na língua portuguesa tem vários sentidos. Em um deles remete direto ao demônio, ao diabo (figura muito usual no imaginário cristão anticomunista). Mas besta é também popularmente alguém abobado, desprovido de sentido, ignorante, estúpido. Mais uma

---

<sup>8</sup> Idem, p. 59.

vez percebemos que o discurso anticomunista não acabou, e que ele se adapta sempre à realidade presente em que está sendo produzido. Não há análise histórica concreta do que foi o comunismo, e se constrói uma memória difusa a esse respeito. Por outro lado, ataca frontalmente aqueles que seriam ameaça concreta ao projeto capitalista. Como hegemonia consolidada, o capitalismo aparece sempre como algo transhistórico, o “vencedor”, indiscutível, não seria ele próprio um projeto, e sim o “curso natural da história”. Por isso uma experiência como a de Chavez não pode ser nomeada sem que a ela sejam associadas todas as expressões negativas do anticomunismo. O texto que objetiva comemorar, fazer história, segue o embate na história que ainda virá (por isso a remissão ao presente), mas deixando claro o caminho que não pode ser seguido.

Com um sentido muito parecido podemos analisar a cobertura de *Veja* com relação à queda do muro propriamente dita. Temos dois momentos: o período que precede à queda, e o período em que, imediatamente após, se busca construir memória sobre o fato. Quanto ao primeiro momento, não foi possível ainda fazer análise da totalidade das matérias.<sup>9</sup> Mas gostaria de considerar o seguinte: o ano de 1989 foi um ano marcante na história brasileira, em virtude de ser o ano das primeiras eleições presidenciais diretas para a presidência da República após a ditadura civil-militar. Nesse sentido, toda a cobertura estava centrada nessa questão: como podia o comunismo estar “desmanchando no ar” nos países do Leste e mesmo assim ser difusamente uma ameaça no Brasil?<sup>10</sup> Essa era a tônica da grande imprensa brasileira, sobretudo da *Veja*. Foi com uma imensa alegria que a revista divulgou a queda do muro, especialmente por ter ocorrido antes das eleições.

Ao analisarmos um exemplar da revista de abril de 1989 percebemos que a desinformação era grande, o que havia eram apenas algumas elucubrações, apontando para o poder vir a ocorrer. É por isso que a imagem da capa da revista era marcante: a imagem da “foice e martelo” rachados, acompanhados da legenda “O TERREMOTO DA REFORMA SACODE O COMUNISMO: o vento da liberdade que varre a Europa

---

<sup>9</sup> Há outras matérias que acompanham os fatos do leste, o massacre na China, entre outros. Não estão analisados aqui porque a pesquisa ainda está em andamento.

<sup>10</sup> É nesse sentido que entendemos a indignação de José Arbex Junior que na época era responsável pela cobertura internacional do jornal Folha de São Paulo e que estava na Alemanha naquele período. Ele relata que mandou desesperado a reportagem pra cobertura e a mesma foi suplantada por um fato da eleição presidencial no Brasil na capa do jornal. Ou seja, o sentido de que o problema local era mais relevante que o contexto era presente em toda grande imprensa. Ver: ARBEX JR, José. *Showmalismo*. São Paulo, Casa Amarela, 2003.

do Leste”.<sup>11</sup> O velho elemento “climático – natural” aparece ameaçador, mas seria suplantado pela liberdade que existiria no mundo ocidental.

No editorial da revista alguns dos preceitos que indicariam a “vitória do comunismo”, mas também por onde ele deveria ser afirmado como alternativa, começam a ser explicitados. A revista enviou dois repórteres para os “países do comunismo em crise”. O ponto alto seria a realização de eleições, elemento que se afirma como diferencial da propalada democracia (como se ela viesse sem o seu acompanhamento obrigatório – liberal)<sup>12</sup>. Essas mudanças aparecem como fenômenos naturais: *“Esse vento de reforma na União Soviética, impensável até pouco tempo, também sopra com vigor em praticamente todos os países comunistas da Europa”*. O repórter agrega o valor da “liberdade” dizendo que *“fiquei impressionado com o grau de liberdade que encontrei na Hungria, digno de uma democracia ocidental”*. E emenda com outra máxima: *“mas o que mais me surpreendeu foi não ter encontrado uma pessoa sequer que defendesse a ortodoxia marxista ou se contrapusesse às reformas econômicas e políticas”*. Portanto, é como verdade absoluta que precisariam ser impostas as “reformas”, o que em breve se transformaria em face totalitária do discurso da globalização.

Na matéria *“comunistas à beira de um ataque de nervos”* de novo a natureza é aludida: *“Os soviéticos consagram nas urnas Boris Yeltsin, o apologista da reforma radical, e aceleram o furor do furacão que varre o mundo comunista, desde a Hungria até a Polônia e a Iugoslávia, espalhando em seu rastro mudanças políticas e a abertura para experiências capitalistas”*.<sup>13</sup> O caráter natural e contra o qual nada se pode fazer é exaltado. A manchete é ainda mais alarmista: *“TERREMOTO NO LESTE: os soviéticos infligem nas urnas uma derrota fragorosa à cúpula dirigente e avançam um passo histórico nas mudanças que sacodem o comunismo”*.<sup>14</sup> A imagem que acompanha o conjunto das matérias é uma ilustração de uma foice e martelo derretendo em vermelho, como se fosse sangue, embora seja gelo, sempre relembra a imagem sanguinária do comunismo. Isso é reforçado pelo tópico *“Sangue sob a ponte: muito sangue correu debaixo da ponte do comunismo soviético antes que ele se instalasse na*

---

<sup>11</sup> Veja. 5/4/1989.

<sup>12</sup> Ver discussão de WOOD, Ellen. Democracia contra capitalismo. São Paulo, Boitempo, 2003.

<sup>13</sup> Idem, p. 29.

<sup>14</sup> Idem, p. 42.



*Europa*”. Interessante é observar que o “sangue” jamais aparece quando se trata de afirmar a justeza do capitalismo, que aparece sem história, como algo natural.

É importante naquele contexto mostrar o impacto econômico das reformas, na medida em que permitiriam a ampliação da expansão do capital: “*a Europa comunista é formada hoje por nove países com mais de 150 milhões de habitantes. Junto com a URSS são mais de 430 milhões de pessoas vivendo numa região imensa, de amplos recursos materiais, e instalados bem no meio de um terremoto político e econômico*”. Ressalta-se aqui o fato de que se trata de “países comunistas ricos”, e que lá “*tudo o que é sólido desmancha no ar e tudo se transforma no seu contrário*”. A paráfrase do Manifesto Comunista seria utilizada inúmeras vezes como profética do fim do comunismo, inclusive como forma de pressão aos “comunistas pobres”, africanos, asiáticos e especialmente cubanos.

O que estava em questão fica bem claro na informação trazida na matéria: “*Na Hungria a maré reformista chegou ao ponto de o governo permitir a existência de uma Bolsa de Valores, de aprovar o pluripartidarismo e incentivar cadeias ocidentais como Mc’Donalds, Benetton e Adidas a abrir suas lojas em Budapeste*”. Ou seja, o capital expandindo-se finalmente para esses lugares “atrasados”.

Ao falar do processo eleitoral na URSS há ainda uma analogia do processo com eleições em 1974 no Brasil, em plena Ditadura. O problema que se colocaria na sociedade pós 84 no Brasil nas eleições indiretas seria o mesmíssimo: “*aquele que diz respeito à democracia, à capacidade da sociedade de estabelecer, nas urnas, quais os limites que se tem para a liberdade.*”<sup>15</sup> Assim, a associação com as eleições no Brasil ficam ainda como ameaça: a volta da “autoridade”, a manutenção do poder das armas, e os limites da liberdade fossem suplantados. Isso se remete à URSS mas também ao Brasil que precisaria saber como exercer a sua liberdade de voto para não fazer bobagem. Isso vai ficando mais claro na seqüência:

Enquanto o comunismo vai degelando na URSS e na Europa, o Brasil, com suas instituições muito mais democráticas, corre o risco de caminhar no sentido das soluções que foram testadas e fracassaram. A julgar por muitas das idéias e programas que são defendidos por políticos brasileiros, de esquerda e de direita, o país pode até ser o último do mundo a querer ser ortodoxamente comunista. Estatização, monopólio de setores inteiros da economia na mão do Estado e proteção de funcionários públicos ineficientes, com base no nepotismo ou

---

<sup>15</sup> Idem, p. 45.

no favorecimento, são coisas que o comunismo rico vem combatendo, enquanto no Brasil encontram defensores intransigentes. O Brasil, último país da América a abolir a escravidão e proclamar a República, um dos últimos a pegar o bonde da industrialização, pode ser também um dos últimos a adotar o comunismo. O comunismo antes das reformas que vêm mudando sua face.<sup>16</sup>

Sob o símbolo do atraso, o risco seria grande no Brasil. Essa analogia entre o estado centralizador soviético e o estado centralizador da ditadura no Brasil perseguiria sendo lembrada nos próximos anos. Os motivos dessa centralização e forma do estado não são colocados em questão, são associados ao comunismo, e não, no caso brasileiro, a uma política necessária à expansão do capitalismo subordinado.

A matéria traz um quadro em que “*quatro aprendizes vão a luta por lucro e liberdade*”, seriam pessoas empreendedoras, que estariam aprendendo a ser capitalistas e poderiam servir de exemplo. Entre suas falas, destaco: “*algum desemprego é até saudável, porque as pessoas têm de se mexer e produzir melhor*” (Zsusanna Ranki, economista).<sup>17</sup> O exército de reserva de mão-de-obra é legitimado, ao mesmo tempo em que se deve aprender a “empreender” para ser um indivíduo “que deu certo”.

Há também uma tentativa de mostrar que de dentro dos países do leste havia uma busca desenfreada pelas reformas, um desejo capitalístico que aparece tanto no campo das idéias (e da política), como do consumo, bem simbólico de desejo. Vejamos como se refere à Polônia, um lugar “*onde a popularidade de Reagan só rivaliza com a do papa, onde o filme Rocky IV foi o filme mais alugado nas locadoras de vídeo no ano passado – para deliciar o público com a surra que Sylvester Stallone aplica ao desafiante soviético*”, e reterá a “falência de idéias”: “*onde se declarar comunista, diante de um cidadão comum, é um caminho mais fácil para conquistar um inimigo (...) É lá que o regime deverá assinar uma espécie de concordata*”.

Com mais calma, passado o sufoco das eleições, eleito Fernando Collor, o candidato declaradamente capitalista neoliberal, Veja dedicou espaço em sua edição “especial de final de ano”, e mais ainda, final de década, para o tema. Na matéria dedicada ao tema, a manchete ironiza: “Comunismo, adeus”<sup>18</sup>: “*o fenômeno Gorbachev, o anseio de liberdade dos povos oprimidos e a falência de um modelo econômico emperrado mudam os rumos do século XX. Regimes caquéticos são varridos do mapa, e*

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Idem, p. 48.

<sup>18</sup> Veja. 31/12/1989, p. 104

*o socialismo real caminha para a lata de lixo da História*”. Por isso, a saudação é inequívoca: adeus se diz para quem vai embora. A partir daí se busca desconstruir qualquer fundamentação histórica para as idéias comunistas. Elas são como que obrigadas a morrerem junto das experiências do socialismo real. Outro elemento que se busca afirmar é que as idéias estariam quase que morrendo “por inanição”, ou seja, porque teria havido uma desistência, uma desilusão, uma descrença sobre elas generalizada, o que encontra um lugar adequado na “lata de lixo da história”.

O que se ressalta sobre o comunismo é a sua idéia, pois é certamente o que pode permanecer para além da experiência do socialismo real. É por isso que a revista se esforça em dizer que essa “idéia” não teria mais defensores:

Os anos 80 viram o fim de uma idéia e das realidades que essa idéia colocou de pé ao longo do século. A idéia do comunismo entrou na sua crise final nesta década. Ela nasceu no século XIX, resultado do casamento entre o trabalho de dois filósofos alemães – Marx e Engels – da economia política inglesa e do socialismo utópico francês, mas só começou a ser implantada num país mais voltado para a Ásia do que para a Europa – a Rússia camponesa e atrasada, cheia de ‘ícones e baratas’, segundo a definição de Leon Trotsky. A idéia comunista, que despertou enormes esperanças, a idéia pela qual tantas pessoas morreram heroicamente chegou ao fim praticamente sem defensores.<sup>19</sup>

Após decretar o “fim da idéia”, segue sempre como porta-voz do que teria sido o comunismo, tanto no campo concreto como no campo das idéias. A revista se coloca como tradutora, explicadora:

O comunismo que pretendeu conquistar o mundo, transformando-o num paraíso de igualdade, eficiência e plena realização do potencial humano, acabou produzindo novas castas de poderosos mais iguais que os outros, economias falidas e povos escravizados. Assim que os povos submetidos ao comunismo perceberam que havia alguma chance de se rebelarem com sucesso, quando o fracasso econômico chegou a tal ponto que na União Soviética, a segunda maior potência do mundo, a expectativa de vida diminuiu ao contrário de aumentar, a realidade do comunismo veio abaixo.<sup>20</sup>

Complementa, sempre associando a experiência do Leste com o próprio comunismo: “*o comunismo terminou com toda uma série de lutas que os comunistas adoram: greves, passeatas, manifestações enormes e, no caso da Romênia, com o povo pegando em armas para fazer justiça com as próprias mãos.*” Um certo sarcasmo se faz

---

<sup>19</sup> Idem, p. 105.

<sup>20</sup> Idem.

presente na afirmação, dando a entender que foi usado contra os comunistas... suas próprias armas. E mais que isso, dissociando em dois campos absolutamente distintos: os comunistas e o povo. Esses dois elementos devem doravante ser separados sempre que forem referidos, como enuncia também a legenda: “*o povo faz História sem intermediários e derruba a ditadura*”.<sup>21</sup>

A partir daí segue o oficialismo, prática comum de dar a outrem a voz para que diga aquilo que não quer ou não pode dizer abertamente, formando um discurso uníssono. Quanto mais “poderosos”, mais oficiais, mais credibilidade para a fala “entre aspas”. É o caso da citação: “*na troca de sinais, a economia de mercado foi celebrada, nas palavras do primeiro-ministro iugoslavo Ante Markovic, como ‘uma conquista da civilização e instrumento para um desenvolvimento mais rápido e eficiente’*”. Oficialismo e frasismo<sup>22</sup> serviram aqui para explicar a idéia, que aparece como absoluta, de que a “civilização” vencera. O senso comum sabe que civilização indica uma vaga noção de progresso e superioridade, e estaria em sintonia com o mundo ocidental, que passa a ser consolidado como o grande vencedor.

Com o mesmo sentido teremos várias falas destacadas: “*o comunismo não funciona, precisamos começar tudo de novo*” (Imre Pozgay, líder húngaro) e para comprovar essa tese a matéria reiterava zombateiramente: “*Se faltava ainda um símbolo definitivo do esboroamento do comunismo, ele foi fornecido na noite de 9 de novembro, pela mais celebrada queda de um muro desde que Josué pôs abaixo as muralhas de Jericó ao som de trombetas dos sacerdotes de Israel 1500 anos antes do nascimento de Cristo, segundo a Bíblia*”.<sup>23</sup>

Considerando o clima quente relativo às eleições no Brasil,<sup>24</sup> e o sentido de utilização do paradigma democrático como forma de combater qualquer alternativa socialista que viria a se construir ao longo dos anos 1990, é sintomático que na véspera das eleições o entrevistado da revista tenha sido Claude Leffort. O título enunciava: “*O fim do totalitarismo: o filósofo francês traça um retrato do maior acontecimento do final do século: a desintegração acelerada dos regimes comunistas da Europa*”.<sup>25</sup> Há uma associação direta entre comunismo e totalitarismo, que se torna ontológica. Mais

---

<sup>21</sup> Idem,

<sup>22</sup> Cfe. ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.

<sup>23</sup> Veja. 31/12/1989, p. 107.

<sup>24</sup> Analisamos esse contexto eleitoral detidamente em: SILVA, Carla. VEJA: o indispensável partido neoliberal. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2005.

<sup>25</sup> Veja. Entrevista (Páginas Amarelas), 22/11/1989. p. 6.

que isso, a afirmação de que “*O que Lenin e os comunistas não suportavam era a democracia, não apenas a sociedade ocidental*”, e de forma destacada pela revista: “*as conquistas sociais da Europa Ocidental são fruto da democracia, e não do capitalismo*”. Segundo o filósofo, a democracia não permitiria o capitalismo selvagem, através da possibilidade de “exigência” de direitos sociais. O que queremos ressaltar é que essa idéia falaciosa serve também para ocultar o caráter conceitual-histórico da expressão capitalismo. Ele acaba naturalizado, deixando de ser um sistema centrado na contradição fundamental entre capital e trabalho e portanto, fundado na exploração de classes. Essa noção seria apagada, como se nunca isso pudesse ser dito, como se fosse “invencionice” do passado dos dinossáuricos marxistas. Em muitas outras situações essa idéia, associada àquela de que “não há alternativa” seria utilizada para consolidar uma política econômica.

Para *Veja*, o capitalismo “*está no sangue da humanidade*”. A partir disso, construiu justificção para suas intervenções gerenciando o capital, as empresas, o lucro, a reestruturação produtiva. A ideologia do fim da guerra fria ajudou a legitimar o papel dos Estados Unidos como gendarme mundial, contribuindo para a consolidação ou modificação de sentido dos novos agentes de dominação: a OTAN, a ONU, o FMI, o Banco Mundial. Para *Veja*, o fim da Guerra Fria teria levado ao fim das ideologias, consolidando o fato de que não há alternativas. Corolário disso seria o fim das esquerdas, que teriam sido enterradas junto com o comunismo. A revista arroga-se então o direito de dizer o que é a esquerda, o seu projeto, e os seus limites, insistindo sempre para sua falência. Há um embaralhamento que visa confundir, constituindo um amálgama confuso em torno de idéias centrais para ação política, especialmente no campo da esquerda: o socialismo, o comunismo, o marxismo. Não contentes em expor sua visão como a única possível, os editores de *Veja* buscam no campo do inimigo os elementos para legitimar seu programa neoliberal.

A construção de um projeto de hegemonia necessita fundar uma interpretação da História, e nesse caso, da História mundial. Com esse intuito se constroem versões sobre o que representaria o “fim da Guerra Fria”, enunciando o próprio “fim da História”. Talvez o nome mais conhecido nesse aspecto tenha sido o de Francis Fukuyama, e a sua entrevista às páginas amarelas contribuiu para a disseminação de sua

propaganda.<sup>26</sup> Ele não foi porém o único, sendo sistemática a presença de formuladores desse projeto, o que permitiu à *Veja* costurar uma unidade ideológica a ser servida a seus leitores. A exemplo da grande imprensa mundial, repete incansavelmente que “*não há alternativa*”.<sup>27</sup> Essa mesma idéia é expressa por João Paulo dos Reis Velloso: “*há um certo equívoco de algumas forças de oposição ao ficarem atrás de um modelo alternativo. Não existe um modelo alternativo*”.<sup>28</sup> Ao mesmo tempo, amarra isso com um compromisso político, ao discutir o problema do desemprego, que diz ser apenas conjuntural e que “*a melhor forma de reduzir o impacto da reestruturação sobre o emprego é flexibilizando as relações de trabalho*”, apresentando portanto o desemprego como “uma conquista dos trabalhadores”. Para fundir isso, avalia:

É uma situação que lembra a emergência da primeira Revolução Industrial, **quando Marx dizia que tudo que era sólido se dissolvia no ar**. Tudo está sendo transformado. Precisamos ter alternativas para enfrentar essas mudanças.<sup>29</sup>

Ao mesmo tempo em que afirma que “*não há alternativas*”, diz que deve “*haver alternativas*”, mas essas são muito específicas e se referem exatamente a criar condições para que a globalização seja finalizada, pois ela “*é um fato da vida. Nós é que temos de torná-la positiva*”. Naturalizando as “*desigualdades*”, aponta para que se deve “*dar prioridade ao ensino fundamental*”, pois esta seria a forma privilegiada de “*responder aos desafios do mundo globalizado*”. Caberia às universidades, portanto, “*fazer convênios com a iniciativa privada*”, pois “*o Estado, sozinho, não tem mais condições*

---

<sup>26</sup> **Rumo à nova ordem.** *Veja*. 27/2/1991. Francis Fukuyama, entrevistado por Flavia Sekles. A apresentação da revista: “*Virou assunto de coquetéis, e vários litros de tinta foram gastos em jornais e revistas do mundo inteiro para reproduzir, aplaudir e, principalmente, criticar o intelectual.*”

<sup>27</sup> Meszaros diz que, aumentado as contradições entre capital e trabalho, a consequência é o reforço do imperativo do funcionamento do sistema, diminuindo suas margens, “*por isso a máxima de que NÃO HÁ ALTERNATIVAS se torna axioma, indiscutível do sistema do capital, pelo mundo afora*”. MÉSZAROS, I. P. 217.

<sup>28</sup> Não há via alternativa. João Paulo dos Reis Velloso. *Veja*. Entrevistado por Consuelo Dieguez. 13/5/1998, p. 14. A revista credencia o entrevistado de forma positiva, mostrando sua atuação como intelectual orgânico: “*o Fórum Nacional que ele comanda é um território neutro, no qual as idéias são discutidas num clima de cordialidade rara no país. São quatro dias de debates, que, ano após ano, conseguem antecipar a agenda dos próximos desafios do Brasil*”. P. 11. Grifos meus.

<sup>29</sup> Idem. Grifos meus.

de alavancar o desenvolvimento”.<sup>30</sup> E assim acaba a entrevista, fechando o cerco em torno da lógica neoliberal, fazendo uma alusão a Marx.

A descaracterização da esquerda prevalece. Na entrevista sob título “*a voz da direita*”, destaca: “*Sem medo de ser feliz, o historiador Paul Johnson cutuca ainda mais as feridas da esquerda, que perdeu o rumo da História*”.<sup>31</sup> Dois aspectos se destacam. O primeiro, o uso do jargão “*sem medo de ser feliz*”, sabidamente um slogan de campanha do Partido dos Trabalhadores. Assim, o editor da entrevista fez questão de trazer para a direita o que seria a “*verdadeira coragem*”. A esquerda é (des)qualificada como quem “*perdeu o rumo da história*”. Ao lado da fotografia sorridente, lê-se a frase: “*é bom que os EUA se interessem pelo mundo. Eles devem ser uma espécie de polícia global*”,<sup>32</sup> o que está plenamente de acordo com a lógica do fim da Guerra Fria que já foi discutida. Mas, além da atribuição de descarrilamento à esquerda, o olho da segunda página destaca:

**Marx foi um embusteiro que distorcia fatos.** Seu legado foi conduzir um país rico como a Rússia à pobreza. Derivou todas as teorias de Hegel, assim como os nazistas. Todos os sistemas totalitários do século XX foram de esquerda, embora alguns na superfície parecessem de direita.<sup>33</sup>

A conclusão exhibe a razão pela qual essa entrevista foi publicada, taxativamente: “*Johnson adora fustigar a esquerda*”.<sup>34</sup> Também por isso, *Veja* traça o perfil de outras personalidades que contribuam para enfatizar o abandono de qualquer ideário de esquerda. Com esse sentido, a entrevista de Adam Przeworski foi sintomaticamente intitulada “*o futuro será melhor*”. Ele é apresentado como: “*um acadêmico de esquerda que vê o futuro com otimismo. Afirma que o comunismo está morto, a globalização financeira matou a social-democracia e ceifou o poder do movimento sindical, e o desemprego industrial veio para ficar*”.<sup>35</sup> Como contraponto, para “*explicar a globalização*”, *Veja* destacou uma figura muito representativa, George Soros. Foram

---

<sup>30</sup> Idem, p. 15. Grifos meus.

<sup>31</sup> A voz da direita. Paul Johnson. *Veja*. Entrevista por Carlos Graieb. 11/3/1998, p. 9. Grifos meus.

<sup>32</sup> Idem. Grifos meus.

<sup>33</sup> Idem, p. 10. Grifos meus.

<sup>34</sup> Idem, p. 9.

<sup>35</sup> O futuro será melhor. Adam Przeworski. *Veja*. 18/10/95, p. 7. Grifos meus.

duas entrevistas nas páginas amarelas;<sup>36</sup> reportagem de divulgação de sua “obra filantrópica”;<sup>37</sup> e até texto seu, onde ele “*explica o que é a sociedade aberta e por que a considera tão importante*”.<sup>38</sup> Soros ocupou um papel de destaque entre os intelectuais orgânicos que esteve afinado com o projeto delineado e patrulhado por *Veja*.<sup>39</sup>

Em outro momento, ao apresentar “*as primeiras avaliações dos dez séculos em que vivemos perigosamente*”, são destacados personagens como Michelangelo, Einstein e até o coelho Pernalonga. A figura de destaque, no entanto, é Gen Gis Khan, que é convenientemente ajustado “à nova ordem”, em oposição aos que “perderam”:

Além do império globalizado e de uma invasão tão traumatizante na China que a mergulhou no horror ao estrangeiro e no isolacionismo, os mongóis ainda incentivaram indiretamente o capitalismo. Como? A peste negra, vinda do Oriente, dizimou um terço da população européia. A mortandade foi tanta que aumentou o valor da mão-de-obra e sacudiu as bases do feudalismo. Um argumento no qual nem **Karl Marx** pensaria – mas **esse, coitado, perdeu definitivamente a chance de entrar na lista do milênio**.<sup>40</sup>

Essa insistência em acabar com as alternativas induz a pensar de maneira única a realidade presente, o que é necessário para fundar o consenso e manter a dominação, que é ocultada por essa falsa unidade.<sup>41</sup> Por isso, há a busca permanente em desqualificar a “esquerda”, sua história e seu projeto, colocando a si mesma como portadora do projeto vencedor. E o que pode parecer mais estranho, apresentar em alguns momentos o seu projeto como sendo de “esquerda”, como forma de se colocar como agente principal da história. Isso permite à revista se apresentar como isenta junto a um público difuso. *Veja* procura capturar as simpatias com a esquerda que, nesse

---

<sup>36</sup> 1/5/1996. George Soros. **A riqueza não dura para sempre**. Entrevistado por Eurípedes Alcântara. **Assim vai quebrar**. George Soros. *Veja*. 6/1/1999, Entrevistado por Lauro Jardim.

<sup>37</sup> O profeta bilionário da agitação. *Veja*. Dinheiro. Jaime Klintowitz. 29/10/1997, p. 52 a 55. Em resumo, a posição de *Veja* é: “George Soros, o especulador que **quer melhorar o mundo, doa meio bilhão de dólares à Rússia**”, p. 52. Ele também foi entrevistado nas páginas amarelas em 1/5/1996, destacando que “*a riqueza não dura para sempre*”. (Eurípedes Alcântara). Grifos meus.

<sup>38</sup> Por uma sociedade global aberta. George Soros. *Veja*. Idéias. 24/12/1997, p. 88 a 92.

<sup>39</sup> No caso de Soros, ele ao mesmo tempo em que representa seus próprios interesses, atua como indicador de caminho, publicando textos, fazendo análises, o que nos permite portanto, qualificá-lo como gerente e intelectual do projeto em curso.

<sup>40</sup> Homem dos mil anos. *Veja*. Milênio. 10/1/1996, p. 33. Grifos meus.

<sup>41</sup> A partir de uma leitura de GRAMSCI, p. 96, vl. 2.



contexto, ela própria tantas vezes apresenta como “sem alternativas”, travestindo-se de “esquerda possível”.

O “problema do comunismo” e as práticas anticomunistas estão presentes na revista a todo o tempo, sempre negando a existência da possibilidade de um projeto de sociedade diferente do seu próprio. Por isso ampliamos a pesquisa para compreender melhor o projeto de *Veja*, sua amplitude, implicações e contradições. A exemplo do que já observamos ao estudar a imprensa no início do século XX, o anticomunismo se estende a todos os movimentos sociais, a organizações de trabalhadores, a partidos políticos, enfim, a qualquer organização que questione a ordem liberal burguesa. Esse discurso se enfraquece no momento em que, ao menos em tese o “comunismo acabou”. A ausência do inimigo construído é intolerável e, assim, ele não deixa de existir, apenas se reconfigura na idéia de que “não há alternativas”.

Decretar a morte do comunismo foi um objetivo fixo, a revista propôs “muitas mortes do comunismo”. Por exemplo, anuncia “*o último prego no caixão: no derradeiro lance da Guerra Fria, Rússia aceita expansão da Otan em troca de ajuda econômica*”.<sup>42</sup> Nesse sentido também, a literatura anticomunista foi acompanhada pela revista, trazendo resenhas de livros que “*dão nova interpretação ao bolchevismo*”.<sup>43</sup> Segundo a revista, a obra *Uma história concisa da Revolução Russa*, do “historiador americano” Richard Pipes “*para os admiradores do falecido regime, é um verdadeiro presente de grego*”.<sup>44</sup> Traz daí uma idéia central, a de que o comunismo real sempre seria um regime de manipulação, (o que é transposto para a ação política da esquerda):

Em realidades adversas que cresce a importância de **grupos de profissionais da atividade revolucionária**, que usam a população como **massa de manobra** e pregam a idéia de que a política é uma **atividade moral**, na qual não existe espaço para compromissos. [a população faminta tinha] uma visão política incipiente e mais baseada no bolso do que na consciência – e, por essa razão, uma massa ideal para servir de **bucha de canhão para os revolucionários**.<sup>45</sup>

A caracterização do que seria o regime dada pelo autor diz o que faziam os revolucionários, o povo, a política, se colocando como seus intérpretes, tidos como “massa de manobra”. A revista traz a antecipação da “notícia” da publicação do *Livro Negro do Comunismo*, divulgado antes mesmo de sua publicação no Brasil. O objetivo

---

<sup>42</sup> O último prego no caixão. *Veja*. Izalco Sardenberg. 4/6/1997, p. 34.

<sup>43</sup> Golpe trágico. *Veja*. Manoel Francisco Brito. 29/10/1997, p. 131.

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Idem. Grifos meus.

dessa “reportagem / resenha” é trazer elementos que contribuam para criminalizar a esquerda, os movimentos sociais, a luta de classes, o que é feito através de expressões tais como: “o objetivo era erradicar classes sociais inteiras, os dirigentes comunistas escolheram a maioria das vítimas entre seus próprios compatriotas”.<sup>46</sup> A tônica do livro, que busca servir de referência, é a criminalização: “o crime é intrínseco ao comunismo e não apenas um instrumento de Estado ou um desvio stalinista de uma ideologia de princípios humanitários”.<sup>47</sup> Essa idéia central passa a ser repisada em qualquer cobertura de mobilizações sociais e de países identificados com o comunismo ou socialismo.

Será apenas quando o capitalismo entra em crise, a partir de 2009 (a crise começa antes, mas não em *Veja*) é que o capitalismo começa a ser nomeado novamente, ainda que de forma defensiva, tema esse que seguiremos pesquisando. Essa é a tônica que se seguirá na revista *Veja*, a qual seguiremos analisando ao aprofundar a pesquisa. Em todo caso, já conhecemos a prática mais ampla da revista ao longo dos anos 1990, de defensora indelével de que “não há alternativas” e que o comunismo estaria morto.<sup>48</sup> A luta de classes sempre foi escamoteada enquanto tal, e sempre a sua realidade colocada como “idéias fora do lugar”.

Há nuances e formas distintas de cobertura. É o caso de matéria na revista *Carta Capital*, outra revista que analisaremos no decorrer da pesquisa.<sup>49</sup> Apesar de não ter o discurso apologético como o de *Veja*, o viés ideológico também está presente com o mesmo sentido hegemônico, assim como em toda a grande imprensa brasileira.

Em *Carta Capital* os acontecimentos de 1989 são caracterizados como revolução. Em nenhum momento do texto apresenta qualquer historicidade ao fato que teria levado o comunismo a ser construído naqueles países: só importava sua derrubada, é como se fosse um poder ocupado por impostores, que desde sempre estariam usurpando a história daqueles povos. Mais que isso, seria uma “revolução sem sangue”,<sup>50</sup> e fica apenas no imaginário a vaga noção de que houve, em algum outro momento, uma

---

<sup>46</sup> Terror vermelho. *Veja*. 4/2/1998. Izalco Sardenberg. P. 58.

<sup>47</sup> *Idem*, p. 59. Grifos meus.

<sup>48</sup> SILVA, Carla, 2005. op. Cit.

<sup>49</sup> Não teremos espaço aqui para analisar mais a fundo o caráter liberal da revista. Atentamos apenas para o fato de que não se trata de uma revista contra-hegemônica, ao contrário do que pode parecer à primeira vista.

<sup>50</sup> O ano em que a cortina caiu. Gianni Carta. *Carta Capital*, 10/6/2009, p. 59.

revolução com sangue. As reivindicações e protestos ocorridos na Alemanha antes da derrubada muro são reduzidos a pedidos de “*mais liberdades e direitos individuais*”<sup>51</sup>. Ou seja, aqui também se descola “o povo” que seria despolitizado, e que não teria interesses em direitos coletivos, em luta enquanto classe. O que importaria seria o direito do indivíduo, é isso que a matéria expressa ao pintar a “revolução de inaudito surrealismo”. Após relatos de amenidades de lembranças desconexas ele conclui com uma fala: “*temos um senso de nostalgia kitsch. Gostamos de memorabilia comunista e folclórica*’. É o que parece ter sobrado daquela época”. Como kitsch, algo deslocado, fora do lugar.

Não foi possível avançar na terceira parte desse trabalho. O motivo principal foi a ausência até o presente momento de matérias significativas sobre o tema nas revistas eleitas para análise, especialmente sobre a temática do comunismo em si. Acreditamos que dado o caráter rememorativo da concepção de história difundida na grande imprensa, o tema da queda do muro deverá ser pautado no final do ano, em novembro provavelmente, quando se “comemora” a queda final do muro. Seguimos na hipótese de que essa imprensa se coloca como detentora da noção de “liberdade”, nos termos mais liberais possíveis, ou seja, profundamente individualistas. Sabemos que ele foi “morto” e muitas vezes enterrado ao longo dos anos 1990 na revista em que pesem as insistências latino-americanas tantas vezes criticadas também em *Veja*. Mas queremos investigar como o mesmo aparece no contexto em que o capitalismo até então indubitável “vencedor” enfrenta uma crise mais séria.

---

<sup>51</sup> *Idem*. P. 60